

Órgão de tubos

Órgão propriamente dito são os tubos que reproduzem o som de acordo com o ar liberado pelo teclado. Sendo o louvor divino uma das principais funções do coro monástico, o Cerimonial da Congregação dos Monges Negros da Ordem do Patriarca S. Bento do Reino de Portugal (1647) já estabelecia os momentos em que esse deveria ser tanguido.

A história desse instrumento pneumático da Igreja Abacial Nossa Senhora do Monserrate do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro remonta ao ano de 1652. Devido a sua importância na execução da sagrada liturgia, o órgão de tubos foi uma contínua preocupação dos Abades do mosteiro fluminense. Sendo o canto sacro uma das principais fontes de enleação espiritual do cenóbio, o serviço do organista deve ser visto como dupla função teológica: primeiramente prestar culto a Deus, no seu serviço de músico, e também servir à comunidade, oferecendo-lhe base de sustentação para a salmodia e demais peças corais. Durante o regime escravocrata na América portuguesa, não apenas os monges serviam de organistas, mas também alguns cativos como Matias, Inácio, Jerônimo, Bonifácio de Narcisa e José Campista. Ao longo dos séculos os Abades preocuparam-se com a manutenção desse instrumento sonoro, procurando manter um organeiro exclusivo para sua manutenção, a fim de evitar maiores danos e conseqüentemente reparos mais difíceis.

Na atualidade, o órgão está composto de aproximadamente 3800 tubos, divididos em três seções: uma em forma de coroa, localizada no coro alto, entre a portada do templo e o para-vento, e outras duas em tribunas laterais.

D. Mauro Maia Fragoso, OSB
Diretor de Patrimônio do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro